

FATORES AFETIVOS E CRENÇAS NA AQUISIÇÃO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA

SILVA, Roxane Kelly Barbosa¹
VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio²

Palavras-chave: Fatores afetivos – Crenças – Segunda-Língua

1. JUSTIFICATIVA/ REFERENCIAL TEÓRICO

Nota-se a partir dos anos 50 a crescente expansão dos estudos lingüísticos no tocante à aquisição de uma língua estrangeira, decorrente da aceleração do processo globalizante em que é imprescindível que o indivíduo fale uma ou mais línguas, além do bom desempenho que deve ter na materna, para alçar sucesso profissional. Conseqüentemente, vislumbramos na modernidade a grande corrida para aprender uma língua estrangeira, e o trabalho dos profissionais do ensino para que seus alunos adquiram a L2 de forma eficaz.

Por conseguinte, passou-se a observar a influência dos fatores afetivos nessa aprendizagem, e comprovou-se que os fatores afetivos como inibição, extroversão/introversão, auto-estima, motivação e a ansiedade influenciam a aprendizagem.

Muitos alunos vivenciam a aprendizagem de uma língua estrangeira permeado de ansiedade, inibição, baixa auto-estima, o que sabemos afetar o processo, principalmente no que tange à comunicação oral.

O grau de ansiedade que o aluno carrega é grande influenciador do desempenho lingüístico no processo de aprendizagem. Nosso objeto de estudo está profundamente relacionado com a ansiedade, uma vez que as crenças que o indivíduo carrega contribuem para o aumento da ansiedade lingüística.

Com o avanço dos estudos sobre afetividade na aquisição de uma L2 observou-se que a junção do cognitivo e do afetivo resultaria em um ensino mais eficaz, o que é enfatizado principalmente entre os estudos norte-americanos.

Gardner e McIntyre (1993, p.05) apontam como ansiedade o resultado de uma situação de desconforto ou apreensão psicológica, em seguida os estudiosos citam Horwitz para definir ansiedade lingüística:

As a distinct complex of self-perceptions, beliefs, feelings, and behaviours related to classroom language learning arising from the uniqueness of the language learning process (Horwitz apud Gardner e McIntire, 1993, p.05)

Algumas áreas do conhecimento defendem que as crenças são “idéias que se alojam na mente das pessoas com hábitos, costumes, tradições, maneiras folclóricas e populares de pensar” (Pierce apud Barcelos, 2004, p. 129).

As crenças são uma espécie de ponte para a ansiedade, vez que, conforme demonstra Mastrella (2003) se o aluno acredita ser incapacitado linguisticamente, terá problemas na aprendizagem de outras línguas estrangeiras.

Quando se fala em crenças na aquisição de uma L2, comumente pensa-se nas crenças que os alunos levam para a sala de aula. Estudos recentes têm considerado que a prática do profissional da educação também é o reflexo das crenças, do conhecimento e da experiência que o professor tem.

¹ Profa. orientadora. UFG/CAC. rkellybs@hotmail.com

² Bolsista de iniciação científica PROLICEN. UFG/CAC. pauloantvie@bol.com.br

Moita Lopes (1984) fala, por exemplo, de uma pesquisa que realizou em escolas públicas, sobre o ensino de língua estrangeira, demonstrando a quantidade de crenças que os professores carregam. É interessante notar os julgamentos, registrados pelo pesquisador, dos professores em relação aos alunos, em que se depreende a incredulidade dos docentes no tocante à capacidade de seus alunos de adquirir a L2:

“Coitadinhos, são muito fraquinhos”.

“Eles não aprendem português quanto mais inglês” (p. 64).

Assim, o ensino ministrado pelo professor é conseqüência das crenças que carrega e, por sua vez, está fundamentado, dentre outras coisas, na sua experiência como falante da língua, na sua experiência de trabalho definindo suas estratégias de ensino, na instituição em que trabalha, bem como na orientação pedagógica sugerida por tal instituição. Além da personalidade do profissional, os métodos e princípios que adota.

Um exemplo de como as crenças influenciam o trabalho de professores e, conseqüentemente, alunos, é o fato de que os professores de língua estrangeira acreditam que o ensino deve estar pautado sobre sua própria formação, experiência e na sua posição enquanto falantes da língua. Muitos professores acreditam que só sabem línguas porque aprenderam em cursos de línguas fora das universidades, e outros ainda acham que só têm grande fluência numa outra língua aquelas pessoas que já vivenciaram alguma experiência no país onde se fala a língua em questão.

Outra crença bastante difundida entre os educadores é a de que o professor de língua estrangeira deve falar somente na língua estudada com os alunos, ou mesmo, que o ensino é eficiente apenas quando o docente utiliza unicamente a L2 em sala.

2. OBJETIVOS

Objetivou-se com tal trabalho refletir sobre o ensino de uma língua estrangeira, e a importância dos fatores afetivos para uma aprendizagem eficaz. Observar, discriminar e analisar as crenças dos aprendizes quanto à aquisição de segunda língua; e apresentar ao aluno de IC algumas discussões da Lingüística Aplicada, bem como, as pesquisas e trabalhos acerca do ensino de uma segunda língua.

3. METODOLOGIA

A pesquisa de campo iniciou-se com a visita às turmas que serviram de objeto de estudo para nosso trabalho. Observar o comportamento de alunos e professores, bem como a forma em que são realizadas suas atividades fez-se pertinente para validar os questionários e entrevistas, vez que, conforme Barcelos (2004, p.143) depreende das leituras de Vygotsky, Bakhtin e Dewey “as crenças são contextuais e para pesquisá-las elas devem ser inferidas, levando-se em conta não somente as afirmações, mas as intenções e as ações, e também a relação entre crenças, discurso e ação”.

Na mesma linhagem de tal pensamento está o de Gass e Selinker (1993) ao observar que uma pesquisa adquire validade e confiabilidade (*Reliability and Validity*) através de diversas, diferentes e objetivas observações.

4. ANÁLISE DE DADOS

Após a pesquisa bibliográfica, aplicação de questionários, entrevistas e participação das aulas da graduação e do Centro de Línguas do CAC/UFG, e finalmente concluída a análise de todo o material do qual utilizamos neste projeto, podemos verificar que os “sujeitos-participantes” da pesquisa estão permeados de crenças, variando o grau e a quantidade dessas crenças, de indivíduo para indivíduo. Enquanto outros talvez estejam apenas ansiosos em relação à aprendizagem da língua estrangeira.

Assim sendo, as crenças encontradas com mais freqüência entre os alunos da extensão e da graduação em Letras-Português são:

- Só se torna um falante fluente em língua estrangeira quem recorre a cursos particulares.
- O aluno acredita-se linguisticamente incapacitado.

- Os cursos de língua estrangeira da universidade são fracos.
- Inglês é mais simples que português.
- É mais fácil aprender a L2 quando mais jovem.
- O aprendizado depende da qualidade do trabalho do professor.
- Inglês é difícil.
- Espanhol é mais fácil que inglês.
- Aprende mais rápido quem já sabe outra língua estrangeira

5. CONCLUSÃO

Destarte, notamos nas aulas das turmas da extensão (Basic I e II, Intermediate II) e da graduação em Letras, comportamentos peculiares de cada turma e de cada aluno. As turmas iniciantes tendem a ser mais resistentes à aprendizagem, especialmente nas turmas da graduação (em que os alunos são obrigados a cursar uma língua estrangeira), construindo certas barreiras que prejudicam o aprendizado. Na maioria das turmas os alunos demonstram em sala um total desinteresse pela aula, o que os leva a se dispersarem facilmente para outros assuntos.

Para Moita Lopes,

o campo de ensino de línguas estrangeiras no Brasil tem sido vítima de uma série de mitos, oriundos da falta de uma reflexão maior sobre o processo de ensino/aprendizagem de LE, instrumentada por uma compreensão teórica e empírica do fenômeno lingüístico como processo. (1996, p.64)

A partir das ponderações de Moita Lopes (1984) e da pesquisa de IC em que trabalhamos, percebemos que não é a incapacidade (física, psicológica ou cognitiva) do aluno que o impede de adquirir uma L2 com eficácia, e sim fatores afetivos, como as crenças (mitos) dentre outros, que contribuem para deixá-lo desmotivado.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARDNER, R. C. & MacINTYRE, P. D. *A Students Contributions to Second-Language Learning – Part II: Affective Variables*. Language Teaching, v. 26. Cambridge University Press, 1993.

GASS, S. M. & SELINKER, L. *Second Language Acquisition*. Laurence Erlbaum Associates Inc. Publ. 1993.

MOITA LOPES, L. P. *Lingüística Aplicada – A Natureza Social e Educacional dos Processos de Ensino/ Aprendizagem de Línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 1984.

PEIXOTO, C. S. *A (in)significância do Inglês no Ensino Médio*. Projeto de Pesquisa Prolicen. Catalão: 2003.

BARCELOS, A. M. *Crenças Sobre Aprendizagem de Línguas, Lingüística Aplicada e Ensino de Línguas*. Universidade Federal de Viçosa. Linguagem & Ensino, v. 07, n. 01, 2004.

TURULLA, A. *Language Anxiety & Classroom Dynamics: A Study of Adult Learners*. English Teaching Forum, April, 2002.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FONTE DE FINANCIAMENTO: PROLICEN/UFG 2004.